

Pesquisas em economia para a agricultura catarinense

Luis Augusto Araujo¹

Uma das decisões estratégicas na gestão da ciência e tecnologia é a escolha do que pesquisar. Pode-se perguntar: a prioridade de determinado sistema de pesquisa deve responder às mudanças no ambiente externo ou apenas melhorar a eficiência na produção da oferta existente?

Segundo estudo realizado pelo *International Service for National Agricultural Research* em 2003, considerando análise das principais mudanças no ambiente externo de Austrália, Suíça, Países Baixos e Reino Unido, os sistemas de pesquisa recebem demandas que diferem muito daquelas de 20 anos atrás. O desafio para os sistemas públicos é de mudança de identidade. Mudar de “fábricas de tecnologias”, da produção primária, para tornar-se “fontes de conhecimento”. Os sistemas atuais de pesquisa estão sendo demandados de forma crescente a resolver problemas externos à agricultura.

Perry (2009) analisa as tendências de longo prazo em programas de graduação através de dados disponibilizados pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos. As principais constatações foram:

- Houve diminuição contínua do número de estudantes que recebem um diploma em economia agrícola e do número de departamentos a atribuir diplomas em economia agrícola no período de 1991 a 2006.

- Grande parte da perda de graduação em economia agrícola é simplesmente uma mudança para graduação em agronegócio. Em 2006, os títulos do agronegócio representam mais de 60% de todos os graus oferecidos na área de economia agrícola tradicional.

Futuro dos estudos e das pesquisas em economia agrícola

A competição mais acirrada por recursos escassos, o aumento da volatilidade dos preços e as preocupações crescentes relacionadas à segurança alimentar em nível mundial criam mais desafios. Esses novos desafios podem representar uma oportunidade para pesquisas em economia agrícola e para os responsáveis pela avaliação e elaboração de políticas.

O aumento dos preços dos alimentos e da energia e o papel dos biocombustíveis motivam a necessidade de análise econômica. A análise econômica em questões multidisciplinares deve permanecer forte. Os programas de pesquisa e ensino relacionados à área de economia agrícola que conseguem ler as tendências futuras e identificar corretamente suas vantagens comparativas vão sobreviver e talvez até mesmo crescer. Aqueles que não querem ou não podem fazer essas coisas vão encolher.

Proposição de uma estratégia de pesquisa

No que se refere à pesquisa em economia para a agricultura catarinense, pode ser considerada uma estratégia que contemple três linhas de pesquisa não mutuamente exclusivas. Essas linhas foram propostas inicialmente por Araujo (1997), mas continuam atuais.

A primeira linha de pesquisa contemplaria projetos relacionados com os inúmeros problemas da agricultura, da economia do agronegócio e de sua crescente interdependência em relação aos demais setores da economia e aos mercados internacionais. Nesse

contexto, é evidente que o agricultor familiar, aquele que sai na frente no processo de adoção de tecnologias e de inovações, e o consumidor, beneficiário final, serão os grupos-alvos desses projetos.

Em Santa Catarina, assim como em muitos países, o número desses agricultores está diminuindo e, por seu turno, outros segmentos da sociedade estão se tornando politicamente mais expressivos. É o caso dos consumidores, cada vez mais exigentes em padrões refinados de qualidade e baixo preço, e daqueles preocupados com a recuperação e a preservação dos recursos naturais e ambientais.

A segunda linha de pesquisa baseia-se na ideia de construir uma sólida base de sustentação política entre os consumidores. Na verdade, os consumidores acabam sendo os principais beneficiários das inovações tecnológicas na agricultura e na agroindústria por duas razões. Primeiro, porque eles terão pela frente uma tendência de longo prazo de preços reais decrescentes; segundo, porque poderão selecionar e adquirir produtos e serviços que melhor atendam suas preferências.

A terceira linha de projetos vem exatamente ao encontro do conceito de desenvolvimento rural, o qual cresceu em importância na economia catarinense. Quando se pensa e se fala de desenvolvimento rural, a ênfase não se restringe às atividades diretamente relacionadas à produção agropecuária. No Estado de Santa Catarina existe um contingente de pequenos agricultores com poucos recursos de terra e capital. ▶

¹ Eng.-agr., M.Sc., Epagri/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), C.P. 1.587, 88034-001 Florianópolis, SC, fone: (48) 3239-3902, e-mail: laraujo@epagri.sc.gov.br.



Consumidores estão cada vez mais focados na qualidade dos alimentos e na preservação ambiental

Comentários finais

A estratégia de pesquisa proposta contemplou três linhas de pesquisa: Projetos relacionados com os inúmeros problemas da agricultura, da economia do agronegócio e da sua crescente interdependência em relação aos demais setores da economia e aos mercados internacionais; Projetos direcionados ao consumidor; e Projetos relacionados à ideia de desenvolvimento rural, ou seja, aos problemas econômicos e sociais das pessoas que vivem no espaço rural.

Ao propor essas três linhas de pesquisa, não se pretendeu que as instituições de pesquisa em economia aplicada à agricultura venham a optar por uma delas, preterindo as demais. É preciso, em primeiro lugar, levar em conta um quadro de maior referência. É preciso investir em capital humano,

mesmo sabendo que se trata de um investimento de longo prazo.

Aproveitar as oportunidades e superar, com competência, os problemas e interesses divergentes decorrentes dessa mudança estrutural histórica da economia mundial nos próximos anos será, sem dúvida, um grande desafio.

Literatura citada e consultada

1. ALTMANN, R.; MIOR, L.C.; ZOLDAN, P. **Perspectivas para o Sistema Agroalimentar e o Espaço Rural de Santa Catarina em 2015**: percepção de representantes de agroindústrias, cooperativas e organizações sociais. Florianópolis: Epagri, 2008. 133p. (Epagri. Documentos, 231).
2. ARAÚJO, P.F.C. de. **A pesquisa em economia agrícola na próxima década**. Boletim Informativo do Grupo de Estudos Luiz de Queiroz (Notasalq), ano 5, n.13, jul. 1997.
3. OCDE. **Perspectivas sobre o desenvolvimento mundial 2010**: riqueza em transformação. 2010. Relatório. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dataoecd/23/3/45461580.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2010.
4. PERRY, G.M. What is the Future of Agricultural Economics Departments and the Agricultural and Applied Economics Association? **Oxford Journals**, Applied Economic Perspectives and Policy, v.32, n.1, pp.117-134, 2010. Disponível em: <<http://aepp.oxfordjournals.org/content/32/1/117.abstract>>. Acesso em: 27 jul. 2010. ■